

CONHECENDO O JEITO GUARANI

*Ismenia de Fátima Vieira*¹

Resumo: Este trabalho é parte da dissertação de mestrado em educação defendida na Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, ano 2006 – com o título: “Educação Escolar Indígena: as vozes Guarani sobre a escola na aldeia”. Constitui-se em um estudo de caso desenvolvido na Aldeia M'Biguaçu, no município de Biguaçu/SC. O presente artigo tem por objetivo discutir o jeito Guarani a partir das observações e entrevistas realizadas com os interlocutores para compreender o contexto das suas relações culturais e interculturais e complexidade frente a educação escolar indígena Guarani.

Palavras chave: jeito Guarani; religiosidade; identidade.

Abstract: This work is part of the mestrado dissertação of in education defended in the Federal University of Santa Catarina - Florianópolis, year 2006 - “Aboriginal Pertaining to school Education: the Guarani voices on the school in the village”. One consists in a study of case developed in Village M' Biguaçu, the city of Biguaçu/SC. The present article has for objective to argue the Guarani skill from the comments and interviews carried through with the interlocutors to understand the context of its cultural and intercultural relations and complexity front the pertaining to school education aboriginal Guarani.

Words key: Guarani skill; religiosidade; identity.

A cultura Guarani vem sendo pesquisada ao longo da história de contato com a sociedade ocidental por antropólogos, historiadores, etnólogos, educadores, entre outros, como: Meliá, Nimuendaju, Schaden, Cadogan, Littai, Clastres, Ladeira, Melo, Oliveira, Bergamachi (...), portanto, não tenho a pretensão de descrever em profundidade a cultura Guarani, pois muitos autores já se dedicaram a essa tarefa, mas busco situá-los no contexto das relações interétnicas para compreender as várias relações interculturais e complexidade

¹ Professora do GT Infância e Educação Indígena vinculado ao NEPI/UFSC.

frente à educação escolar indígena Guarani. Historicamente, esse povo vem garantindo a socialização da cultura tradicional no dia-a-dia das suas vidas e reforçando na casa de reza e na escola seus rituais e representações.

Contrariando os escritos de Manoel de Nóbrega e os demais jesuítas, os Guarani são religiosos e revelam as suas crenças em tudo o que realizam. “Considerando os índios totalmente destituídos de religiosidade, os jesuítas trabalhavam pela mudança de atitudes, sem jamais levar em conta que quase todas as formas de tratamento tribal possuem significado cultural ou religioso.”(GAMBINI,2000:101) Os Guarani acreditam que estão rodeados pelos espíritos que habitam os animais, as pedras, as matas, o ar que respiram, a água que saciam sua sede, enfim, sua vida.

Para iniciar a discussão, atentemos para as afirmações de TASSINARI (1995:450) quando escreve sobre como as sociedades indígenas organizam o mundo e se organizam no mundo.

[...] na nossa sociedade ocorre a fragmentação das esferas da vida social. [...] o mesmo não ocorre nas sociedades indígenas. As várias esferas da vida social encontram-se imbricadas de tal forma que nunca podemos analisá-las isoladamente. [...] não podemos atingir a dimensão de totalidade que caracteriza a vida social dos povos indígenas a partir da nossa forma linear de escrita que divide os fenômenos em suas várias partes [...].

Por isso, ao ler os tópicos descritos a seguir, o leitor deverá estar atento para o fato de que estão imbricados uns nos outros, e optei por uma classificação para melhor explicitar a caracterização. TASSINARI (1995) sugere “[...] utilizar os tópicos que abordam as relações que os índios estabelecem com a natureza, com o mundo sobrenatural e com a sociedade”. Estes servem de pano de fundo para a reflexão.

Inspirada nas reflexões de MELIÁ (1979) e NIMUENDAJÚ (1987), considero os seguintes aspectos relevantes da cultura tradicional Guarani e o observado nas relações estabelecidas na aldeia em estudo. Destaco a concepção de nascimento, a brincadeira e a criança, o conhecimento da natureza, os rituais, as relações de trabalho e lazer, a formação para liderança religiosa ou política, o artesanato, a alimentação e saúde, a religião e educação para compor o que chamo de Jeito Guarani.

1. A concepção de nascimento

A criança, ao nascer, cai num chão cultural em que ela é concebida como um ser muito importante e que não veio por acaso. Ela veio de algum lugar previamente determinado. Sua alma pode ter vindo do ZÊNITE, onde vive ÑANDERYQUEY, ou da “nossa mãe” no oriente, ou dos domínios de TUPÁ no ocidente. (NIMUENDAJÚ, 1987:31) Começa a participar da vida social do grupo, pois acompanha a mãe em todas as suas ações, muitas vezes colada em seu corpo por um pano amarrado como uma tipóia. “As crianças são o centro das atenções e dos cuidados e, quando pequenas, passam a maior parte do tempo no colo da mãe, presas em seu corpo nas tradicionais MONDEA”.(BERGAMACHI, 2005: 166)

2. A brincadeira e a criança

As crianças brincam e andam livremente² pela aldeia, não vão para a mata, porque são orientadas a não irem e elas cumprem os ensinamentos. É comum ver as crianças de dois, três anos de idade sozinhas ou em grupos se dirigindo às casas dos parentes para brincarem ou indo para a escola, entrando e saindo da sala de aula, participando das aulas por alguns instantes, desenhando ou ouvindo as explicações, subindo nos muros, brincando nas grandes pedras livremente, acompanhando seus pais ou seus irmãos mais velhos em trabalhos na aldeia. Participam de todas as atividades da aldeia sem o compromisso de cumprir tarefas. As crianças são autônomas nas suas ações, gozam de uma grande liberdade. As crianças aprendem brincando, quando

² Rousseau (1712-1778). A educação de Emílio tem o “objetivo de formar um homem livre, capaz de se defender contra todos os constrangimentos”.(Rousseau, 1999:XX) Portanto, é necessário tratar as crianças como seres livres e respeitar a sua liberdade. Essas afirmações lembram as observações realizadas no trabalho de campo quanto à forma com que os mais velhos se relacionam com as crianças: respeitam a sua liberdade e as tratam como seres livres, sem repressão, que devem aprender observando e ouvindo as orientações dos mais velhos, principalmente dos pais e do tche ramõi. Tudo a seu tempo, obedecendo etapas de desenvolvimento por eles estabelecidos, a exemplo dos rituais de passagem (nascimento, adolescência, casamento e morte). Chama a atenção o que Rousseau fala sobre a infância. Ele diz que não se conhece a infância, “os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender”.(Rousseau, 1999:4) Diz ainda que é preciso estudar os nossos alunos, pois com certeza não os conhecemos. A criança não poderia mais ser considerada como um “adulto em miniatura”, mas sim seres que têm suas características próprias. Assim se comportam os indígenas: para a criança indígena tudo tem seu tempo, ela está sempre aprendendo com os mais velhos a serem elas mesmas e mantendo os traços culturais de seu povo.

chegam na fase adulta, o trabalho faz parte das suas vidas e trabalham utilizando o espaço e o tempo próprio da cultura e reproduzem a brincadeira. Os pais brincam com as crianças alegremente e ensinam suas brincadeiras tradicionais. Chama a atenção o modo como as crianças são tratadas pelos pais. Falam com as crianças de forma amistosa, com carinho, sem palmadas, nem gritos, apenas com conselhos, e segundo relatos, os conselhos são longos e persuasivos, precisam cumprir o que lhes foi ensinado. Os ensinamentos primeiro vêm dos pais e depois do TCHE RAMOI (avô) e TCHE DJARI (avó). Já os maiores também brincam livremente, mas são atribuídas a eles tarefas leves. E à medida que vão crescendo novos compromissos precisam assumir.³

Conforme MELIÁ (1979), as categorias do ciclo da vida estão divididas em 1ª infância, 2ª infância, puberdade, adolescência, maturidade e velhice. Na 1ª infância as crianças têm estreito relacionamento com a mãe; já a 2ª infância é a fase da imitação da vida do adulto. “Aprende as atividades sociais rotineiras, participa da divisão social do trabalho e adquire as habilidades de usar e fazer instrumentos e utensílios de seu trabalho, de acordo com a divisão de sexo”. (MELIÁ, 1979: p.14) Referente à puberdade, adolescência, maturidade e velhice, estará contemplado nas páginas seguintes.

3. Conhecimento da natureza

Os Guarani são profundos conhecedores do ambiente em que vivem. Adquiriram esse conhecimento pela ampla observação dos fenômenos e do cosmos como um todo. Guiam seu calendário baseado nas mudanças da lua, assim determinam as cerimônias, o plantio, a colheita, preparo das ervas, entre outros.

Para eles, NHANDERU está presente em tudo o que está posto no mundo. Por isso é necessário saber respeitar e se apropriar das coisas da natureza sem destruí-la. A relação que têm com a terra, com a natureza, é de um profundo respeito.

A terra precisa ser respeitada na visão dos índios Guarani, isto porque os pais e as mães são enterrados nela e viram terra. A terra é um material que pode ser visto por todos os homens, mas o espiritual somente os índios podem percebê-la e relacionar-se com ela plenamente. (BRANDÃO, 1994)

³ Ver Oliveira (2004:42,43,44) e Bergamachi (2005:165-167).

Ainda como afirma BERGAMACHI (2005:137)

[...] não há dissociação entre natureza e cultura e as coisas, os seres, os animais, as pessoas e as plantas estão no mesmo nível na natureza e com ela compartilham a condição de humanidade [...] são seres da natureza e não seres que habitam a natureza [...].

Por um tempo, sobretudo os mais velhos, viveram desaldeados, mas não esqueceram as suas tradições. Qual é o segredo? Seu Alcindo e sua família por anos viveram trabalhando em fazendas como agricultores, cuidando de gado, criando galinha, tirando leite da vaca. Encaminhou seus filhos todos para aprender a ler e escrever na escola do “branco”, mas nunca deixou de realizar seus rituais e passar seu conhecimento para os seus. Nesse sentido, a educação, a religião, a tradição e a cultura foram sendo construídas por um sistema de trocas. O saber dos mais velhos torna-se o saber da comunidade. Sempre em busca do seu TEKÓ, o seu sistema, o seu modo de ser Guarani.

As relações que os Guarani estabelecem com a natureza, os espíritos e os seres humanos [...] são orientados por um conjunto de regras e normas de conduta que compõem as relações sociais (entre pessoas) e cosmológicas (com os espíritos e o sobrenatural), denominado *manderekó*. (GUIMARAENS, 2003: 25)

A reprodução do *NANDEREKÓ* é condição primordial para que os indivíduos possam ouvir as belas palavras (*NE'ENG PORÁ*), palavras sagradas e verdadeiras ditas pelo pajé recebidas de *NHANDERÚ*. O conjunto de *NE' ENG PORÁ* representa *AYVÚ PORÁ*, a bela linguagem, que são as normas de conduta repetidas de geração a geração em seus cantos rituais. (GUIMARAENS, 2003: 25-35). A grande luta do Guarani é a busca pela terra boa para desenvolver o *NHANDEREKÓ*, é a essência da educação tradicional, da vida Guarani.

Ao longo da história, as sociedades indígenas, e em especial os Guarani, passaram por várias experiências de educação para os índios, mas mantiveram a sua educação tradicional. Os ensinamentos estão presentes no dia- a- dia da aldeia, pelo exemplo de seus pais, pelos ensinamentos do *TCHE RAMÓI* e da *TCHE DJARÏI*.

Os índios estão naturalmente imersos no mundo natural, vendo-se

a si mesmos como as plantas e os animais com os quais convivem prática e simbolicamente. Há um conhecimento científico indígena e cada cultura particular o faz variar de acordo com a maneira como combina os seus próprios termos de significação da realidade. (BRANDÃO, 1994: 21).

Alguns estudiosos do século passado diziam que as sociedades antigas eram “atrasadas” porque não haviam desenvolvido técnicas para transformar a natureza. Há no mundo sociedades pouco desenvolvidas nas técnicas, mas muito desenvolvidas em outros aspectos, como na religião, na justiça, na distribuição de riquezas e outros, provendo qualidade de vida a seus membros. Não há sociedades mais desenvolvidas que outras, há apenas diferenças de pontos de vista, ou de ponto de partida socializando de geração a geração as suas bases para a formação das pessoas daquela sociedade, utilizando seus próprios critérios e meios, suas regras e suas leis. Os Guarani, às vezes, são preconceituosamente chamados de atrasados, como vemos na fala do professor Wanderley, “Às vezes, puxa – atrasado – é chato dizer isso. Muitos falam. Acho que a escola é uma maneira de mostrar pro juruá que o Guarani tem seu próprio ensino. Seu próprio modo de pensar”.

O tempo Guarani, ele está em completa harmonia com a natureza. Para ele brincar, cultivar a religião, trabalhar, estudar, cantar, não são coisas separadas como são para a sociedade não-indígena. Produzir um artesanato significa ao mesmo tempo: um trabalho para seu sustento, um momento de reflexão e oração e um lazer. “O tempo é vivido intensamente como continuidade, em que tudo é presente, pois o passado está sempre sendo atualizado, tanto pelos rituais, quanto pelas narrativas mitológicas”.(BERGAMACHI, 2005: 144)

4. Rituais

Participar dos rituais constitui um importante fator de fortalecimento da educação religiosa de cada um e do grupo social. Com exceção do ritual de passagem da menina para mulher, que é um momento de reclusão, todos os outros rituais se dão de forma coletiva com a participação livre de todos da aldeia e visitantes indígenas da mesma etnia. Ocorre que, nestes momentos de rituais, os mitos e as lendas explicam a organização social, a ciência, a história, a cosmologia, as relações com a natureza, enfim, os conhecimentos acumulados historicamente desse povo. Por isso, seu Alcindo diz: “A nossa primeira escola é a opy”.

Os ritos constituem as principais fontes do processo de educação indígena, pois é participando da vida indígena, desde quando nasce, passando pelos aprendizados do dia-a-dia com os mais velhos, com a natureza, com o sobrenatural, que se mergulha na cosmologia indígena para a formação do índio autêntico, que alça novos vãos na busca do entendimento do “novo”: educação escolar indígena. (SILVA, 2003: 120)

4.1. Ritual de nomeação

Quando uma criança nasce, o líder religioso é encarregado de dar o nome ao bebê. Ele marca e dá início à cerimônia para determinar de onde veio aquela alma. Pode ter vindo de um dos quatro lugares citados anteriormente. O líder identifica o momento e o lugar de chegada na terra. Faz isto, mediante cantos apropriados, exigindo muito esforço do líder, num verdadeiro estado de êxtase, segundo NIMUENDAJU (1987: 30,31).⁴

É comum, entre os Guarani, a troca de nomes em português, e a atribuição de apelidos com nomes de animais, menosprezam o nome português. Isto ocorre porque o que lhes importa é o nome indígena, sendo o seu nome verdadeiro e que muitas vezes preferem não revelar. Como a FUNAI expede certidões de nascimento, alguns possuem dois documentos, um registro no cartório civil e outro da FUNAI, e cada um com nomes diferentes. Mesmo o nome indígena também pode ser mudado em caso de doença.

Quando todos os esforços para salvar um doente são baldados, o último recurso é a troca de nome: o pajé “acha” um outro nome para o doente, e é freqüente que a isto se siga um batismo com água da forma anteriormente descrita. A idéia é que o doente, ao tomar um novo nome, torna-se um novo ser, e que a doença fica presa ao seu ser anterior, separando-se assim do renominado, que deste modo sara. Daquele momento em diante, o nome antigo não volta a ser pronunciado; deixa-se o cair no esquecimento o mais depressa possível. (NIMUENDAJU, 1987:33).

4.2. Ritual de passagem ou ritual de iniciação

Na puberdade, surge um tipo de iniciação, uma educação formal

⁴ Ver em Chamorro, www.dhi.uem.br/publicaçõesdhi/diálogos/volume01/vol2.htm- descrição do ritual.

em local, período e educador determinados. É um momento de muita aprendizagem para os adolescentes, um preparo para a vida adulta. Para as meninas a menstruação é momento significativo e determina o início do ritual, e tem também iniciação para os meninos, que tem seu ponto inicial determinado pelo pai, quando começa a apresentar sinais de mudanças em seu corpo. Na adolescência, as responsabilidades aumentam e os trabalhos estão ligados às necessidades da comunidade. O adolescente mostra a capacidade de viver por si e de assumir família.

Os meninos e as meninas passam por ensinamentos definidos por alguns autores como rituais de passagem.⁵ Os meninos começam a ser orientados pelos pais e os mais velhos. Os jovens meninos têm suas tarefas nos trabalhos coletivos orientados também pelo cacique ou TCHE RAMÕI.

“A partir dos 6 a 7 anos, os meninos já são ensinados a observar algumas coisas feitas pelos pais. O pai já leva junto para a roça, mato, já aprende a trazer lenha e fazer serviços leves. A partir dos 10 a 12 anos, deixa de ser criança e passa a viver a sua vida de adolescente no qual já aprende a erguer pesos, ajuda os pais na roça, faz sua própria roçada e já vive a sua própria vida, e leva uma vida de homem. Mesmo cuidando de sua própria vida, ele deve ouvir os conselhos dos pais e deve obedecê-los, no que deve ser feito, no que deve melhorar, e assim continua até ele deixar a casa dos pais, quando isto acontece, ele leva tudo o que aprendeu com os pais. A partir dos 15 a 20 anos, já são considerados homens, pois já sabem tudo, desde cuidar de si próprio, como também levar a vida para frente. Daí em diante eles saem à procura de serviço.” (Geraldo Moreira- professor Guarani)

As jovens meninas seguem as orientações da mãe ou de TCHE DJARÿ i. Quando menstruam pela primeira vez, ficam reclusas para receberem os ensinamentos, seus cabelos são cortados e executam pequenas tarefas. Não podem conversar com outras pessoas, não entram na mata, não podem chegar perto das plantas e não podem comer determinados alimentos como carne, polenta, café e nenhuma espécie de doce e gordura. Fazem uma espécie de jejum. Tanto no período de passagem como em todo período menstrual de sua vida, fazem uma dieta alimentar, não podem fumar o PETYNGUÁ (uma espécie de cachimbo), não podem se aproximar das plantas e nem lavar os cabelos. Aprendem a cuidar do marido, respeitar e tratar com carinho,

⁵ Ver Oliveira (2004:46, 47), Meliá(1979)

além de costurar, fazer comida, artesanato, limpar a casa e o comportamento da mulher na OPY. Neste período, as meninas não comparecem à escola, o tempo de reclusão é variado, mas pode chegar a trinta dias.

“Tem que guardar tudo o que ela explica, se fizer errado, a vó briga, é porque não aprendeu. Esse é um período de aprendizagem. As meninas têm que respeitar os homens casados. As gurias, às vezes, não respeitam e fazem a pessoa ter ciúme e desconfiança, isso minha vó não gosta muito, não gosta mesmo. A vó é conselheira, mas também quando erra...humumm!!! sai de perto” (Katia Moreira-professora Guarani)

Dona Rosa Mariani Cavalheiro (TCHE DJARÿI - minha avó) é considerada uma KARAI KUNHÁ, líder espiritual feminina, também tem um papel fundamental de ensinar as tarefas da mulher, principalmente o artesanato. No ano de 2005, ela revigorou um artesanato com palha de milho colorida, produzindo um trançado formando tapetes de vários tamanhos e cestos. Ensinou uma de suas filhas que terá a tarefa de ensinar as mulheres que tiverem interesse e sobretudo suas filhas e netas. Ela é a responsável pelos ensinamentos das meninas. Ela decide se a menina será ensinada pela mãe ou por ela. As adolescentes revelam que, se for com a mãe, é menos penoso, o serviço é mais leve. “Já com a avó é pior. A avó exige mais, ensina a trabalhar e trabalhar rápido para ter agilidade. A mulher é muito importante para nós, a mulher é sagrado.” (Kátia Moreira – professora Guarani)⁶

4.3. Ritual do casamento

É comum a “paquera” à procura por um namorado ou namorada. O namoro inicia com um jogando uma pedrinha no outro. (SILVA, 2003 in GUIMARAENS:116) Sempre tem uma história de relacionamentos na aldeia. Eventualmente, as meninas disponíveis para o namoro fazem uma pintura no rosto para demonstrar aos rapazes que procuram um companheiro. O cacique cuida da ordem da aldeia, quando um casal resolve namorar, precisam primeiro comunicar a ele, esta é uma das leis internas da aldeia para que a moça seja respeitada pelos outros rapazes. Outra lei interna, determinada pelo cacique, é que, se pretendem permanecer morando na aldeia, não é permitido o namoro com rapazes

⁶ Ver Oliveira, 2004

JURUÁ. Agora, é comum a comunidade receber a visita de jovens indígenas Guarani vindos de outras aldeias à procura de uma companheira. Percebe-se que os relacionamentos iniciam aos doze, treze anos e logo vão morar juntos, conseqüentemente nascem os filhos, portanto, se tornam pais muito jovens.

“Antigamente os casamentos eram ajustado pelos pais, desde pequeno após a menina ficar moça é entregue para o rapaz . Na maioria das vezes, o casamento não é escolhido desde pequeno, mas após a menina ficar moça ela é dada a um rapaz que seja valente, corajoso, trabalhador e que é da confiança dos pais da menina.”
(Geraldo Moreira)

O líder espiritual realiza o ritual do casamento apenas com a presença dos pais na OPY, depois todos podem comemorar, e eles revelam que os casamentos eram duradouros. Dizia seu Alcindo Moreira (95 anos) liderança religiosa:

“Estou com Dona Rosa mais de sessenta anos. Hoje ninguém me pede para fazer casamento, ninguém. Só um casalzinho de” brancos” neste ano lá em Urubici me pediu, viu. Eu fiz a cerimônia, tudo queria fotografar, filmar, gravar. Eu disse não, na cerimônia só nós. Depois pode fotografar e festejar. Na cerimônia, não! (...) Atualmente não tem casamento, como antigamente, porque as pessoas namoram, não dão tempo de se conhecerem e já ficam juntos e logo têm filho.”

Na aldeia já aconteceu o casamento no religioso com a presença do padre da igreja católica que veio até a aldeia e juntamente com o líder espiritual firmaram um compromisso para não se desfazer. Os desentendimentos que ocorrem entre os casais, na maioria das vezes, são por ciúmes, por traição ou pelo marido não providenciar o sustento dos filhos. A “lei interna” protege os filhos, o pai, quando se separa, é obrigado a pagar pensão. Também ocorre a adoção de crianças por outras famílias, caso os pais não tenham condições de criá-las.

5. As relações de trabalho e lazer para os adultos

Nesta aldeia, as mulheres, aos sábados, pela manhã, realizam mutirões de limpeza na aldeia organizados e orientados pela esposa do cacique. E ocupam suas tardes jogando futebol com times femininos do

município, participam de campeonato e colecionam troféus. Andam quilômetros para chegarem a um campo de futebol. Durante a semana, estão encarregadas de cuidar da casa, dos filhos, produzir artesanato e vender na escola quando chegam visitantes ou quando acompanham as crianças e o coral em espaços onde são convidados como: intercâmbio com escolas diversas e apresentações em eventos nas cidades vizinhas.

Os homens se encarregam do sustento da família, alguns trabalham fora como pedreiros, carpinteiros, agricultores e outros. Os trabalhos internos, também aos sábados, são de melhoramento da estrada, escadarias e picadas, cortar taquara para a confecção de artesanato ou reconstrução das casas e armazenamento de lenha para o fogo de chão. Aqueles que não estão trabalhando fora da aldeia, atualmente, estão cuidando da roça familiar plantando milho e feijão com sementes tradicionais, batata, batata doce, apim e amendoim.

6. Formação de liderança religiosa ou política

Na maturidade, é intensificado o domínio das práticas culturais. Constituem família e continuam aprendendo e socializando o domínio da linguagem simbólica, cantos ou dirigindo rituais. Alguns são orientados para serem líderes religiosos ou políticos. E na velhice:

[...] intensifica a personalidade específica adquirida. Os velhos são escutados como portadores de tradição e consultados como orientadores na inovação. Mesmo a morte tem um grande valor educativo dentro de uma sociedade indígena, onde toda comunidade participa solidariamente da passagem. (MELIÁ, 1979: 15)

Um indivíduo só pode se tornar líder religioso por inspiração, não há hereditariedade. O menino que recebe a sua inspiração participa das cerimônias auxiliando o líder nos rituais buscando os ensinamentos específicos. Isto também acontece na fase adulta, e passam suas vidas se aperfeiçoando. Precisam de muito tempo para o preparo espiritual, conhecimento de ervas, cantos, danças, gestos, capacidade de professar e liderar cerimônias. Para chegar no estágio de liderança e poder que seu Alcindo tem hoje, leva muito tempo, sabedoria, dedicação, interesse, coragem e fé. Precisa ser um líder, ter capacidade de concentração para ouvir os espíritos e acreditar, por fim, dominar profundamente a religião Guarani (TATANTY EPO'E). Meus interlocutores afirmam que, com os poderes de seu Alcindo não existe mais nenhum Guarani e que não

terão mais uma liderança tão forte e com tanta sabedoria. Segundo seu Alcindo, entre os povos indígenas brasileiros, existem apenas seis pajés verdadeiros como ele.

Os Guarani recebem cantos sagrados e os entoam espontaneamente. Conforme NIMUENDAJU (1987:75), esses cantos de pajelança se dividem em quatro classes: a primeira pertence a todos os seres humanos, nenhuma inspiração, a segunda pertence àqueles que já receberam alguns cantos, que os usam em seus assuntos privados, a maioria dos adultos de ambos os sexos recebem esses cantos; quando alguém desta classe, durante a dança ritual, começa a adiantar a fileira e a dirigir a dança dos demais, é sinal de que se aproxima da terceira classe. Esta congrega os pajés (homens e mulheres) com os nomes de ÑANDERÚ e ÑANDERCÝ. Usam seus poderes para si e para sua comunidade (cura de doenças, profecias e batismo...) Apenas os homens chegaram ao mais alto grau de perfeição que os capacita a dirigir a festa ÑEMONGARÁ⁷ e que determina que assumam a liderança social e religiosa do grupo como pajé principal e que congregam a quarta classe.

Antigamente não conheciam outro líder que o pajé principal. Quando passaram a se relacionar com as autoridades brasileiras, lideranças eram nomeadas sem considerar os aspectos culturais. Muitos conflitos geraram inimizades e intrigas (NIMUENDAJU, 1987:76). Os governantes tinham a intenção de desestruturar o grupo e conseguiram, deram início às disputas pelo poder. Meus interlocutores revelam que somente depois que a FUNAI realizou os primeiros contatos é que escolheram alguém para ser o cacique e representar a aldeia. “Antes, o líder espiritual era o líder, mas quando os ”brancos” chegavam na aldeia, sempre perguntavam pelo cacique, e também quando a FUNAI apareceu, exigiu que deveríamos escolher alguém para nos representar.” (Hyral Moreira - cacique) Por isso, o Milton Moreira tornou-se cacique e seu Alcindo, líder espiritual. Poder político para as relações externas e poder político e religioso para as relações internas. Todos respeitam os dois. O líder político não resolve nada sem antes consultar o líder espiritual.

Esta aldeia constitui-se como uma sociedade que se mantém a partir da posse coletiva da terra, das relações de trabalho divididas por

⁷ Nimongará – festa importante, reúne todos os Guarani, época em que os frutos da lavoura estão verdes, entre janeiro e março. A dança dura quatro noites. Essa festa é uma das mais importantes para o povo Guarani, mas na aldeia em estudo ela não acontece.

sexo e por idade, das relações de parentesco, da valorização da sabedoria dos mais velhos, da força da tradição oral para a manutenção da memória histórica, das relações que mantêm com a natureza e com as pessoas, das relações religiosas, dos rituais, das festas, enfim, um modo de ver o mundo próprio desse povo.

7. Alimentação, uma questão de saúde:

A dieta alimentar básica das famílias Guarani nesta aldeia consiste de arroz, feijão, aipim, batata doce, eventualmente carne acompanhada de TCHIPA I (pão à base de farinha e água frito em óleo), MBOJAPÉ (pão assado). Constitui alimentos tradicionais: TCHIPÁ, MBOJAPÉ, RORA (polenta), KAVURÉ (pão assado na taquara), K'TIREPOXI (farinha de milho umedecida com água e assada dentro do bambu), JETY (batata doce assada), MBIXY (aipim assado), JOPARÁ (feijão, lingüiça, canjica de milho). Os mais velhos comem o alimento tradicional sem gordura e sem sal. Pela manhã, tomam o chimarrão, depois, por volta das 10 horas, leite quente e farofa de milho. Por volta das 16 horas, almoço: carne com farofa de milho ou aipim cozido ou arroz e feijão e os pratos tradicionais. O tempo Guarani é diferente do tempo dos não indígenas. A começar pelo horário de alimentação. Realizam duas refeições básicas. Os jovens obedecem ao horário tradicional, mas a base da alimentação é a dos não indígenas, às vezes consomem a alimentação tradicional, mas o sal e a gordura estão incluídos nos alimentos. O velho, seu Alcindo, fica incomodado. Afirma que por isso muitos ficam doentes. “Eu já disse para meus filhos, mas não querem me escutar. Preferem a comida dos brancos”.

8. Artesanato, sobrevivência e religiosidade:

Reforçam a sua resistência para manter o Jeito Guarani na tradição indígena, também se utilizando do artesanato. Esculpem animais silvestres na madeira representando a natureza desejada. Com os cestos e balaio de palha variados e coloridos, chamam a atenção para a arte Guarani.⁸ Imprimem um sentido religioso no seu fazer, produzem

⁸ TRAMADO BALAI

“Antigamente, cada trama de balaio pequena ou grande tinha seu significado:

1 - Espíritos das crianças, por isso que é colorido de varias cores, identificando os vários lugares de onde vieram.

2 - Dois mundos, o mundo onde nós estamos e o mundo dos espíritos de KARAI KUERI.

3 - Representa as quatro direções, quatro povos ou quatro ventos, quatro gerações.

formas e modelos adaptados às necessidades dos seus clientes. Os desenhos e as pinturas corporais são inspirados na natureza. Com colares e brincos criativos de acordo com a moda do não-índio, produzem para a demanda de mercado. O pau de chuva e chocalhos, instrumentos sagrados para seus rituais, tornam-se instrumentos de percussão nas mãos de seus clientes não-índios. Os arcos e flechas não mais para caçar os animais, mas para enfeites nas paredes das casas dos não índios. Todos com significados culturais, mostram a sua arte que se tornou um meio de sobrevivência. Vendem o artesanato para comprar alimentos para o sustento de seus familiares. Divulgam a sua cultura e se mostram à sociedade não índia como um povo que está vivo, presente com as suas diferenças e se identificando como índios Guarani e brasileiros, valorizando assim a sua cultura.

O artesanato é uma fonte de renda. Eles comercializam os produtos na aldeia para visitantes, em eventos de intercâmbio, quando o coral da escola sai para apresentações e ainda vendem por atacado no mercado ou lojas. Por força de uma lei interna da aldeia,⁹ as mulheres são impedidas de vender o artesanato nas ruas do centro da cidade. Recebem, na aldeia, encomendas de produtos para venda em atacado para lojas. Ao venderem os artesanatos no atacado, perceberam que as donas das lojas estavam colocando etiquetas e/ou acrescentando algum acessório agregando valor ao produto. Dessa forma, vendendo por um valor muito maior do que aquele que estavam pagando pela mercadoria. Então, com a coordenação da esposa do cacique, montaram um projeto e ganharam de indústrias máquinas de costura para produzirem a mercadoria pronta para as lojas, agregando assim maior valor ao seu produto e adaptando a necessidade de mercado. Esse trabalho iniciou no mês de maio de 2005. Todas as mulheres interessadas estão aprendendo a costurar com as mulheres da comunidade que já sabem este ofício.

Observa-se que, cada vez mais, esta aldeia está se abrindo à sociedade não-indígena em busca de apoio para melhorar a condição de vida, mas jamais esquecendo as tradições. Buscam apoio para

CORES : Vermelho : é tirado do urucum, é moído e socado no pilão. Antigamente vermelho simbolizava sangue dos guerreiros mortos na batalha entre índios e brancos. Amarelo : tirado da madeira chamada Yvyradju, a casca é colocada na panela e fervida. Simboliza Deus do Trovão. Verde : tirada da argila, ela é concentrada colocada no pote, depois de 15 dias ele é aberto. Simboliza Deus da Natureza. Branco: tirado da argila branca. Simboliza o nosso Pai Sol. Preto : Cera de abelha djatei. Todas essas cores são misturadas com cera de abelhas.”(Karaí O’ Kendá)

⁹ Lei interna da aldeia – expressão dos indígenas desta aldeia para se referir a organização e normas internas da aldeia definidas pelas lideranças e comunidade e expressa na oralidade.

valorizarem e recuperarem traços culturais, como, por exemplo: a escola como espaço que reforça a sua tradição, a agricultura como complemento alimentar e recuperação das tradicionais sementes, o artesanato adaptado ao mercado, mas com técnicas próprias tradicionais, tudo está voltado para dentro da aldeia, tentando sempre envolver os jovens em todas as ações para que também ensinem seus futuros filhos. Procuram fortalecer as relações com suas leis internas definidas em grande parte no coletivo, mas com anuência maior do KARAI e executadas pelo cacique. Há uma grande preocupação com a manutenção do grupo “Guarani puro”. Tem atualmente como lei interna que os jovens não podem namorar JURUÁ, se quiserem permanecer morando na aldeia, como já citei anteriormente.

As suas releituras e adaptações são tomadas com base na tradição. Neste sentido, faz-se mister considerar a contribuição de OLIVEIRA (2004: 32).

A realização de certas práticas valorativas relacionadas a um passado distante, entre as quais as rezas, é considerada essencial, revela a preocupação por parte destes Guarani em viver como um grupo específico no presente, mas também em que seus descendentes continuem vivendo como tal num tempo futuro.

Os Guarani assumem um compromisso de vida realizando certos rituais necessários para **viver do Jeito Guarani** e isto se torna garantia de sobrevivência dos traços culturais em todas as gerações.

8. TEKÓ (sistema) Religião e Educação

Os Guarani desta aldeia, neste espaço, vivem sob a orientação de NHANDERU decodificada pelo seu líder espiritual, Alcindo Moreira (Wherá Tupã), um sábio KARAI incansável nos seus ensinamentos, também chamado TCHE RAMÔI (meu avô) acompanhado da TCHE DJARY i (minha avó), Rosa Mariani Cavalheiro (Poty Djá). Eles se preocupam com o futuro dos seus netos, dos seus familiares, do seu povo. Participam de tudo e exercem a liderança. Ele é o mais velho, o médico, o curandeiro, o conselheiro, é quem atribui o TCHERERÝ (nome Guarani) dado às crianças,¹⁰ é o solicitado e respeitado por todos

¹⁰ Conforme relato de seu Alcindo apud Oliveira (2004:26), “É uma tarefa muito trabalhosa. Eu tenho que ver a criança, ir para casa e conversar com Nhanderu. O céu é dividido em vários lugares e a cada lugar corresponde um nome (...) cada criança recebe o nome do lugar de onde vem...” Ver também Nimuendaju (1987:31)

na aldeia, pelos indígenas de outras aldeias Guarani e não-indígenas que sabem da sua existência e do seu poder na cura, o visitam diariamente para consultas. Recebe muito bem a todos que chegam na aldeia à sua procura. Quando sente os bons espíritos, são sempre bem vindos, mas quando sente o espírito mau, dá um jeito de os dispensar sabiamente. Poucas palavras saem da sua boca e a pessoa se obriga a ir embora.

As palavras na comunidade não fluem automaticamente. Tem palavras que não podem ser ditas e nem escritas por qualquer pessoa em qualquer lugar ou momento. Tem hora, local e pessoa certos para pronunciá-las. Os Guarani sempre pensam muito antes de falar, para não falar “bobagem”, para não ofender as pessoas, enfim, para não jogar fora a conversa. Seu Alcindo dizia: - “Já falei para eles, pensem três vezes antes de falar para não ofender. É muito fácil ofender... fica ruim!”. As relações culturais são estabelecidas pela palavra oral, na grande maioria a língua utilizada no cotidiano da aldeia é o Guarani do tronco lingüístico Tupi Guarani. Comunicam-se em português só no contato com os JURUÁ (brancos) e com os PONGUÉ (mestiços). As crianças pequenas, na sua maioria, não compreendem o português. As mulheres mais velhas têm um conhecimento restrito do português, enquanto que os homens e jovens (moças e rapazes) apresentam um conhecimento mais amplo da língua, mas revelam dificuldades de compreensão em determinadas situações de diálogo, havendo uma troca de informação entre eles na língua materna ou indagando o interlocutor.

A palavra oral, numa sociedade tribal, exerce uma relação de poder que move uma nação, e para BRANDÃO (1984), é no seio das nações indígenas que acontece a primeira educação popular, nas suas práticas cotidianas de socialização da palavra, do saber transmitido de geração a geração. Na antigüidade, todos sabiam tudo e entre si ensinavam uns aos outros, através de seus ritos, dos trabalhos coletivos (caça, pesca, roçada, mutirão...), ressalta que ocorria a educação popular primitiva porque o trabalho produtivo não estava dividido socialmente e o poder comunitário não se separava da vida social.

Os Guarani reforçam sua língua na oralidade, sua visão de mundo passada de geração a geração por meio das palavras sagradas que têm uma importância na esfera religiosa desse povo. Assim, mantêm sua comunicação entre os povos de maneira brilhante, pela sua característica peregrina de migração, na busca da terra sem males. A palavra, para eles, tem um significado ímpar, preocupam-se ao pronunciá-la, utilizam entonações para dar ênfase e o devido valor ao que estão pronunciando. Pensam muito antes de falar, procuram a palavra certa a ser dita.

Quando participam de discussões com os não-índios, ficam perturbados pela forma com que jogam as palavras fora sem refletir sobre elas. Para eles, a palavra oral só se torna escrita quando o índio utiliza o “PETYNGUA” (cachimbo), instrumento indispensável nas cerimônias religiosas. “[...] utilizado como instrumento de fé, não é necessário fumá-lo, pegando com as duas mãos e demonstrar fé, é o suficiente. Em tudo o que se faz é preciso acreditar que Nhanderu: Deus existe e é muito poderoso.” (Alcindo Moreira)

Na tradição da oralidade, o conhecimento é transmitido, por meio da música e da dança, dos mitos e das lendas, dos conselhos dos mais velhos, através das belas palavras pronunciadas nos rituais na OPY.¹¹ Orando para NHANDERU, em volta de uma fogueira, concentrados com seu PETYNGUÁ e suas medicinas, suas ervas, seus instrumentos musicais, suas danças, seus gritos e seus cantos. Demonstram uma capacidade mnemônica¹² para memorizar os ensinamentos. Os significados podem ser descritos pela leitura dos sinais demonstrados na fumaça que desenha no ar as respostas às indagações realizadas pelo KARÁÍ, nas cores, nas pinturas, nos gestos e nos adereços. Nada acontece por acaso, tudo tem um sentido, um significado peculiar que só eles sabem decifrar. Assim, penso que nas sociedades indígenas o poder da palavra é que os move para a preservação de sua cultura, para se colocarem no mundo dos não-índios, para resistirem e manterem as suas organizações sociais.

Utilizam a capacidade mnemônica, arte de facilitar as operações da memória, isto porque a prática da oralidade é intensa. Para contarem e recontarem os mitos e lendas. “As tradições não ficam paradas no tempo, elas mudam, renovam-se [...]” (FRANCHETTO, 2003:49) Transcrever um mito, um canto, uma lenda é muito diferente de ouvi-la, deixa-se de lado o som, os gestos, a entonação de voz, a postura do narrador, o espaço entorno, tudo o que dá vida à fala. O mito se constitui e é recriado na oralidade.

O PETYNGUÁ (uma espécie de cachimbo) é feito de argila ou madeira, instrumento sagrado nas cerimônias¹³. Utilizam o fumo de

¹¹ Platão utiliza os diálogos para apresentar as várias faces do amor, apropriando-se dos recursos da linguagem como: diálogo, discurso, mitos, alegorias e a matemática. Assim como os indígenas, que se utilizam dos mitos para explicar suas relações com o mundo, socializando seus conhecimentos, seus ensinamentos de geração a geração, utilizando os recursos da oralidade passada pelos velhos, sendo uma das formas de resistência desses povos para manterem suas culturas e sobreviverem.

¹² Conforme o Dicionário Gama Kury (FTD), mnemônico é qualquer sistema de ajuda artificial a memória. Arte de facilitar as operações da memória.

¹³ Ver descrição da cerimônia em Oliveira (2004: 53, 59).

corda e, dependendo da doença, usam cedro ou outra erva. Usado na hora certa para curar as pessoas que estão doentes e somente quem sabe rezar pode fazer isso. Desde criança aprendem a respeitar e a usar o PETYNGUÁ, e quando ele se quebra, é um aviso de que vai acontecer alguma coisa boa ou ruim com a pessoa ou um parente, e quem pode auxiliar para saber o que vai acontecer ou rezar para não acontecer é o TCHE RAMOI. Acreditam na força espiritual, na força do espírito.

Assim eles rezam! Todos os dias rezam. Rezam, cantam e dançam para pedir a NHANDERU proteção, para pedir permissão a utilizar a natureza, para abençoar seus remédios e alimentos, para acompanhar nas viagens, “que NHANDERU te acompanhe até chegar na tua casa”. Essa era uma expressão que ouvia várias vezes do seu Alcindo, ao despedir-me e sair da aldeia, tomar a BR101 e dirigir-me para minha residência.

As cerimônias são marcadas pelo seu Alcindo (Wherá Tupã). Existem cerimônias exclusivas só para os indígenas, com rituais sagrados antigos os quais eles preferem guardar segredo. Sempre que tem alguém doente, tem cerimônia especial para a cura. Nos dias previamente determinados, tem cerimônia chamada de “medicina” com convidados. Essas cerimônias iniciam por volta das 16 horas e encerram pela manhã¹⁴. As que duram a noite toda são realizadas nas sextas-feiras ou sábados para que as crianças não deixem de ir à escola. Sempre realizadas na OPY e algumas na OPYJERÊ também.

Conforme afirma NIMUENDAJU (1987:90), nas aldeias, quando não têm a casa de dança (hoje chamada casa de reza), a moradia do pajé é construída de forma que tenha, do lado oriental, um pátio cercado, que se estende do norte para o sul, com cruzeiros fincados. Quando tem um pajé de renome, constrói-se uma casa especial para a dança, por isso, na aldeia em estudo, tem o seu Alcindo e a casa de reza foi construída.

A sua casa de reza, chamada de OPY, é um lugar sagrado, de muito respeito pelos que nela adentram. Apenas os convidados ali entram. É uma casa construída nos moldes da construção tradicional de frente para o nascente do sol. As paredes são de barro amassado com cinza para dar a liga necessária e taquara. A cobertura é de palha de taquara ou KARANDÁ, o piso de chão batido com terra vermelha. No seu centro é que a energia se concentra. Há um fogo de chão e uma

¹⁴ Segundo Nimuendaju (1987: 65) as danças encerram ao amanhecer por ser um momento determinante para a pajelança, pois marca o seu término.

espécie de escultura desenhada no chão representando a mãe terra e o caminho percorrido pelos Guarani e todo o seu significado para esse povo cheio de fé. Ao centro desse desenho, de frente para o fogo, há uma espécie de cajado com adornos ornamentais, fincado ao chão. A energia vem das extremidades, se concentra no cajado que direciona para além numa harmonia com o fogo e o sol. Quando o fogo está aceso, há uma linha energética imaginária ligando o fogo ao seu Alcindo e que faz conexão com NHANDERU e os espíritos sagrados, neste espaço ninguém pode passar. À frente, lado oposto da única porta de entrada, há uma espécie de altar (AMBA), onde, segundo seu Alcindo, ele disponibiliza seus “desenhos tradicionais” para mostrar para seus netos como eram e como são os Guarani. Ali, no meu olhar, havia esculturas esculpidas em tábuas de madeira representando casas tradicionais e trajes indígenas, instrumentos musicais masculinos (MBARAKA=violão, ANGUAPU=tambor, RAVÉ=rabeca), instrumento musical feminino (TAKUAPU), utensílios de cerâmica, cestarias diversas, PETYNGUA de argila e de madeira, esculturas simbolizando os animais sagrados, colares e armas de caça e pesca, ao centro do altar há uma grande cruz¹⁵ de madeira com alguns adornos e o cocar do KARAI utilizado nas cerimônias. Instrumentos vários, desconhecidos para os JURUÁ.

Nesse ambiente ele realiza os ensinamentos para seu povo. A OPY é onde se pode registrar a história, ensinar as suas verdades, preservar os valores, cultivar a sua medicina de curar. É o refúgio onde se abrigam os mais ricos pensamentos, cantos e orações que ficam registrados na memória de cada um para manter e valorizar a sua cultura, se proteger dos “brancos” e imprimir a resistência. A OPY JERÊ também é um lugar sagrado, local utilizado para a cura de doenças mais graves, como paralisias, bronquite, sinusite, enfim, males pulmonares e respiratórios, doenças do corpo, da alma e psicológicas como traumas e medos. Uma casa de barro em forma de iglu com pedras aquecidas. Realizam uma espécie de sauna coletiva, chamada Temascal. Na OPY

¹⁵ Chamou-me a atenção a presença da cruz na opy, e encontrei em Nimuendajú (1987:67) apud Oliveira (2004:53) que atesta a importância da cruz de madeira na mitologia Guarani. “(...) antes de criar a terra, nhamderuvreçú fez ayvy-itá. A escora da terra. Colocou uma viga no sentido leste-oeste, e outra, por cima, no sentido norte-sul. Pisou então sobre o ponto de cruzamento deste yvyrá joçá recoopy (cruz eterna de madeira) e encheu seus quadrantes de terra. Quando a terra tiver de ser destruída, nadery quey tomará a extremidade oriental do braço inferior da cruz e puxará lentamente para leste, enquanto o braço superior permanecerá em sua posição original. Com isto, a terra perde o seu suporte ocidental.”

DJERÊ, é sempre lembrada a importância da natureza, da água e do vento. Aqui a seleção dos convidados é mais criteriosa.

As cerimônias são necessárias para conservar os fatos na memória e contar toda história lembrada pelos mais velhos, que levam muito tempo para contar, são histórias sem fim, em cada época é acrescentada uma nova parte, atualizando-as no tempo. Os ensinamentos estão pautados nas lendas e mitos que se complementam ao longo da história. Não existe autoria, mas é de domínio de toda a aldeia. Cada um que conta, conta do seu jeito, mas a essência é a mesma. Os mais velhos reúnem as crianças para contar os mitos e lendas e através deles explicam sua visão de mundo, seus conhecimentos acumulados ao longo dos anos, atualizando-os no tempo presente.

NIMUENDAJU (1987:28) afirma que no passado os Guarani procuravam esconder ao máximo sua religião para não sofrer represálias. Um dos meios utilizados para não sofrer os ataques cristãos era a exibição da cruz na “casa de dança” (hoje chamada casa de reza – OPY), e escreviam nos túmulos as expressões: “Deus lhe ajude!” ou “Nossa Senhora”. Ao que tudo indica, introduziram a cruz em seus rituais e lhe atribuíram um significado indígena.

Os Guarani passam a vida explorando suas capacidades de agricultores, músicos, artesãos, contadores de histórias, anfitriões, conhecedores da natureza, guerreiros e principalmente desenvolvem a concentração. Quando eles cantam, o som é melodioso e agudo, predominando as vozes femininas, acompanhadas pela melodia dos instrumentos tocados pelos homens. Ao ritmo de um bailado acelerado, representando uma caminhada, os homens desenvolvem um passo diferente das mulheres.

No coral, eles também representam as suas relações de guerreiros. Cantar está intimamente ligado ao Jeito Guarani e têm as suas representações culturais com relação aos papéis desempenhados na aldeia e com o sobrenatural. Procuram manter vivas as formas de educação tradicional que reforçam no dia-a-dia de suas existências, podendo contribuir para as políticas e práticas educacionais capazes de atender aos anseios, interesses e necessidades desse povo na atualidade.

Seu Alcindo é o grande educador da aldeia. A tarefa de educar seu povo começa, na maioria das manhãs, em sua casa. Acorda por volta das cinco horas para tomar seu chimarrão, fazer suas orações e é o momento que está disposto para contar histórias. Dois filhos e um neto, que estão buscando seus ensinamentos religiosos, aproveitam esse momento de reflexão para conversarem com ele. Karai O' Kendá diz que muitas

palavras usadas nesses ensinamentos são muito antigas e que para eles que são mais jovens têm dificuldades de compreender. Com o firme propósito de registrar, para não perder a cultura, estão gravando os seus ensinamentos tudo na língua guarani, sendo posteriormente transcrito em português, para então escrever em guarani.

A sabedoria passada de geração a geração pouco a pouco vai sendo lembrada pelos mais velhos e repassada para os mais jovens. De acordo com meus informantes, nessa roda de chimarrão (KAY), pouco a pouco mais pessoas vão se integrando ao grupo para as conversas matinais com o intuito de acumularem os conhecimentos dos antigos. O grupo de interessados em aprender mais sobre sua cultura antiga está aumentando, gerando discussões posteriores sobre os mitos contados no sentido de compreenderem melhor. Alguns reclamam que muitas vezes precisam que o Geraldo (Karaí O' Kendá) ou Hyral (cacique) faça traduções e explique melhor os ensinamentos. Nota-se que o Geraldo, que é vice-cacique, professor e uma liderança respeitada pelo seu povo, é aquele que está há mais tempo aprendendo com seu pai os ensinamentos da cura. Atualmente, ele acompanha seu Alcindo (Wherá Tupã) nas cerimônias de cura e em todas as atividades religiosas.

É necessário entender que as culturas são dinâmicas, “as experiências históricas, concretizadas na vivência de situações novas para um grupo social, podem levar a formulações de novos significados e à criação de novos símbolos” (SILVA, 1988:37) Cada povo indígena tem sua maneira de educar suas crianças, tem seus critérios estabelecidos.

“O modo específico de ser e pensar, de conceber a vida e a morte, de se comportar e se relacionar com as outras pessoas, tudo isso faz com que um povo seja ele mesmo, diferente de outros por ter encontrado soluções originais para problemas que afligem toda humanidade: como lidar com a natureza, como produzir seu sustento, como garantir sua reprodução, como organizar as relações humanas, como explicar e conceber a morte, como educar seus membros, e tantos outros.”(SILVA, 1993: 148)

Nos últimos anos, a comunidade Guarani, em estudo, vem se envolvendo mais com as práticas de rezas (MBORAÍ). Considero que isto se deu a partir da criação da escola, que reforça a língua e a valorização da cultura, da criação do coral que recuperou danças e músicas tradicionais sagradas e da introdução do trabalho de cura do

alcoolismo com as cerimônias do “Temascal e da Aguasca”¹⁶. No ano de 2000, a FUNASA contratou um médico com o objetivo de desenvolver um trabalho de erradicação do alcoolismo na aldeia que introduziu o “Temascal” e a “Aguasca”¹⁷.

Buscam no processo de ensino e aprendizagem desenvolvido na escola parte de uma realidade relacionada ao contexto sociocultural vivido por eles e o projeto político dessa sociedade, mantendo e reelaborando sua alteridade cultural em face do processo de dominação político cultural. Apropriam-se de elementos da sociedade não-indígena, resignificando-os para a prática da resistência, dentro de um contexto no qual as práticas tradicionais são herdadas historicamente.

Utilizam todos os recursos religiosos para a cura de seus doentes, mas quando sentem que as ervas não são suficientes para a cura de determinada doença, chamam o médico e o doente é encaminhado para o hospital ou o tratamento no Posto de Saúde acompanhado pelo agente de saúde, que é Guarani, para traduzir, caso tenham dificuldades de compreensão. No Posto de Saúde tem médico JURUÁ, enfermeiro JURUÁ e agente de saúde Guarani. Tem também um dentista JURUÁ que atende em um consultório dentário móvel (odontomóvel) realizando um trabalho de prevenção e tratamento odontológico, todos contratados pelo Projeto Rondon.

Há!... Se voltasse no meu tempo!... Tenho a idade avançada, viu! Não adianta nós despreza o branco, um dia nós precisa dele... A gente respeita o médico, dá um alozinho pra ele, né. Dá uma satisfação pra ele. Hoje tem que as veis usa o remédio do branco.” (Alcindo Moreira – liderança religiosa)

Influenciados pelos ensinamentos cristãos dos jesuítas, os Guarani preservam o respeito ao NHANDERU, o seu Deus. Suas orações, seus cantos sempre estão direcionados a esse Deus. Acreditam que ele está em todos os lugares. Que as plantas, as pedras e tudo na natureza têm uma alma que precisa ser respeitada, é a força do espírito. Entregam para NHANDERU realizar a cura do doente e realizam a cerimônia incluindo rezas e ervas num ritual prprio.

¹⁶ Mais detalhes, ver Oliveira (2004:59-74)

¹⁷ Ver Oliveira (2004: 34), e sobre a religiosidade Guarani, ver Geertz (1978:104-105) A religiosidade na literatura antropológica (Curt Nimuendaju, Alfred Mettraux, Egon Schaden, Leon Caogan, Meliá, Pierre e Helene Clastre). Mais recente (Aldo Littif, 1996 e montardo,2003) e ainda Helene Claster, 1978, fala do caráter religioso da educação

Como precisam compreender e viver uma outra cultura totalmente diferente da sua, é tarefa difícil, porque sempre se tomam como base os símbolos e códigos da sua vivência. Historicamente, as ações e reflexões humanas vêm sendo guiadas pela forma com que as pessoas processam suas experiências. Conforme se organizam, pela sua visão de mundo, pelo sentido que dão às coisas, pela forma com que se relacionam com a natureza e cada povo ou cada grupo social organiza o seu jeito de ser. Assim, repetidas vezes no meu trabalho de campo, ouvi dizer “estamos nos adaptando”. Apesar das dificuldades, os Guarani encontram formas para solucionarem os problemas que vão surgindo no caminho com o intuito de permanecerem firmes nos seus valores frente à sociedade não-indígena imprimindo o seu Jeito Guarani.

Considero que esses devem ser aspectos a serem observados, pois são importantes na cultura Guarani, e ainda acrescento a base religiosa desse povo, que é forte e sustenta a sua cultura. O professor Geraldo Moreira me dizia em visita à aldeia M'Biguaçu, no mês de maio de 2004, que: Educação e Religião para seu povo estão intimamente ligados, “educação sem religião não existe”. É através da religião que desenvolvem a educação das pessoas Guarani e reafirmam o Jeito Guarani de ser e de viver. (Diário de campo, 03.05.2004)

A educação indígena ou educação tradicional é discutida por vários autores como SCHADEN (1976), MELIÁ (1979), SILVA (1993), entre outros. É consenso entre os autores que, para compreender a educação dos povos indígenas, é necessário conhecer o sistema sociocultural em todas as dimensões, é ensinar e aprender cultura durante toda a vida. Cada povo tem sua maneira particular de educar, como afirma SILVA (1993: 147-148);

[...] O modo específico de ser e pensar, de conceber a vida e a morte, de se comportar e se relacionar com as outras pessoas, tudo isso faz com que um povo seja ele mesmo, diferente de outros por ter encontrado soluções originais para problemas que afligem toda humanidade: como lidar com a natureza, como produzir seu sustento, como garantir sua reprodução, como organizar as relações humanas, como explicar e conceber a morte, como educar seus membros, e tantos outros. [...] Cada jeito de ser índio”, entre os tantos existentes, é recriado e revivido a cada geração. O saber de cada povo é seu patrimônio coletivo, assim como os procedimentos empregados para sua transmissão e os recursos para formação da pessoa humana segundo os moldes de cada sociedade.

A partir das observações, das vozes, das análises desenvolvidas neste estudo, procuro, nas páginas seguintes, sintetizar as questões evidenciadas como possíveis Jeitos Guarani a serem observados na educação escolar indígena Guarani. Reforço a idéia de que tudo o que foi descrito compõe o Jeito Guarani de se colocar no mundo, de se produzir e reproduzir socialmente imprimindo uma religiosidade em tudo o que realizam. Tudo é referência a NHANDERÚ e seguem a orientação das divindades que ultrapassam o seu ser. Há uma forte relação com o sobrenatural, que lhes dá força e sabedoria.

O Jeito Guarani, essa questão eles preferem não revelar abertamente, quando perguntei qual é o Jeito Guarani? As respostas vinham do tipo: “do nosso jeito”; “assim como a gente vive”; alguns se manifestaram, outros preferiram ficar calados. Como destaca LITAIFF (2004:21), “Como recurso de sobrevivência desenvolvido ao longo dos séculos de contato, os Guarani possuem mecanismos sociais discursivos, bastante eficientes no controle de informações, como o JAKORÉ, “simular” ou “enganar”[...]”. Este é um dos Jeitos Guarani, guardar segredo sobre seus elementos sagrados é uma forma de resistência e ao mesmo tempo de fé. A partir das observações sobre os Jeitos Guarani que diferem da cultura do jeito ocidental e que certamente, faz a diferença na sala de aula, foram destacados no decorrer desta dissertação. Ressalto alguns aspectos revelados, tais como: a aprendizagem das tradições acontece nas relações orais do dia a dia; na observação cotidiana e na execução, na prática; das ações a serem aprendidas, portanto, aprender na oralidade, na prática, é questão fundamental para depois ler e escrever.

“La educación Guarani es una educación de la palabra, pero no es educado para aprender y mucho menos memorizar textos, sino para escuchar las palabras que recibirá de lo alto, generalmente através del sueño, y poderlas decir. (MELIÁ, 1991:36 apud BERGAMACHI, 2005:148)

Ler o texto escrito e responder questões referentes a ele não é da sua práxis, eles são preparados para ouvir e interpretar na oralidade, logo, a interpretação de texto como é realizada na escola do não-indígena, se torna uma operação difícil. A interpretação de texto terá sucesso se for amplamente discutida na oralidade e experimentada na prática, essa é a lógica Guarani. Como eles mesmo afirmam, “nós pensamos em Guarani, nós pensamos como Guarani”.

“(...) Para mim, no meu ponto de vista, o Jeito Guarani é o jeito prático de aprender. É uma maneira de você ligar o pensamento da criança e do aluno para refletir aquilo que vem e aquilo que vai. Por exemplo: a cultura em geral, a cultura dos antigos. Eles também têm a possibilidade de pesquisar a si mesmo. (..) na sala de aula tem outro jeito de aprender. Por exemplo: aula de geografia tem que ser na prática, eles têm que senti, vê. Assim no papel tem mais confusão na cabeça, não vão senti, não vão ver.” (Wanderley Cardoso Moreira – professor Guarani)

A pessoa Guarani aprende observando e fazendo na sua autonomia. “Aprender, mais que do ensinar, está intensamente presente na vida das crianças e das pessoas em geral e essa é uma postura necessária para se tornar Guarani de verdade”. (BERGAMACHI, 2005: 156) A criança é levada a observar, mas fazer por si só. Cada um conquista o direito a fazer suas escolhas e aprender observando os outros, imitando, executando e recriando. Isto também explica a autonomia que a criança tem de ir à escola ou não. “Observar significa estabelecer relações e recortar aspectos em face da impossibilidade de tudo perceber devido à dinâmica própria das coisas [...] a observação é uma relação entre o que se observa e o que já se sabe”. (VADEMARIN, 1998) O KARAIÍ, seu Alcindo, afirmava: “eu vou fazendo, quem quiser aprender que me acompanhe”. Outros interlocutores assim se pronunciavam: “aprendi a fazer sozinho”; “aprendi a escrever pela minha cabeça, peguei um livro e fui observando as letras”. A curiosidade aguça a observação prestando muita atenção ao que lhes interessa e na prática imitam os adultos construindo um comportamento com autonomia, numa relação do coletivo para o individual. Aprendem observando e imitando todas as ações do cotidiano da aldeia.

“Lembrar de Nhanderu pelo menos um pouquinho na escola” (Alcindo). A fé em NHANDERU é marca registrada, ele é o seu guia, tudo tem referência à alma e à espiritualidade, portanto, a escola que ensina a tradição é a OPY, a outra escola na aldeia é a segunda OPY, local que também ensina a tradição, mas tem outros papéis. Na OPY, também é lugar de aprendizagem e de ensinamentos, onde reforçam as suas crenças, a sua visão de mundo, as tradições. Como afirma Sônia Moreira, “o artesanato, a cultura Guarani, a minha escola é a opy” “É a escola verdadeira”, esta é uma expressão explícita também pelos interlocutores. O líder religioso, quando recebe as crianças para proferir

suas palavras, é na OPY que isto acontece. É o espaço sagrado onde podem ser recebidas e proferidas as palavras sagradas.

Utilizam o PETYNGUÁ para concentração e registro dos conhecimentos na memória, demonstrando capacidade mnemônica e capacidade de concentração. “(...) não precisa nem fumar o petynguá, é só segurar bem ele com fê e se concentrar.” (Alcindo Moreira) Pensar muito antes de falar, refletir, elaborar seus conceitos é característica marcante. Demonstram o que sabem a partir de muita reflexão. Essa questão aparece na sala de aula, muitas vezes, o professor pensa que seu aluno não está aprendendo porque não responde as questões, mas depois de um tempo, a criança revela espontaneamente o que aprendeu.

A valorização, respeito aos saberes dos mais velhos é outro Jeito Guarani. No entanto, na cultura da sociedade não-indígena, o velho é desprezado, desrespeitado e maltratado. Para o Guarani, ele é dono da sabedoria. Todos param para ouvi-los e seguem seus ensinamentos. A escola é orientada pelo velho, ele determina os rumos a serem seguidos pela escola.

“(...) O nosso livro antigo é o mais velho” (Geraldo Moreira – professor Guarani)

“O velho é a nossa biblioteca viva” (...) Poxa! Eu sou Guarani, eu tenho que aprender aquilo que meu pai, aquilo que meu avô, aquilo que meus avós falavam, para eu poder entender. Dessa forma, esse o Jeito Guarani – prático de chegar... (Wanderley Cardoso Moreira – professor Guarani)

“O velho é a fonte, que quando a gente tem sede, tem que ir na fonte beber água. Assim é o velho, a gente tem que ouvir ele.” (Celita Martins – esposa do cacique)

Demonstram um forte desejo de manter a língua, a cultura, a religião, enfim, as tradições Guarani. Ensinamentos culturais, históricos, religiosos, cosmológicos através de mitos, lendas e histórias antigas, tudo isto faz parte das orientações dos mais velhos. Valorizar esses ensinamentos é fundamental e guiam suas vidas com as orientações e conhecimentos transmitidos pelos mais velhos, que é o dono do saber que adquiriu ao longo de sua vida e que tem o compromisso de socializar. O velho é a fonte, é a biblioteca, é o livro antigo. A literatura Guarani é rica e ampla e está expressa nas músicas, nas lendas e nos mitos. Não estão registrados em bibliotecas, nem em

livros, nem em revistas, mas estão na memória dos mais velhos e são transmitidos de geração a geração por séculos. Talvez, se estivessem registrados em livros, as gerações mais jovens não teriam o conhecimento, é na oralidade que garantem a multiplicação e atualização desses conhecimentos.

“Que todos aprenderem e cada um respeitar uns aos outros.”
(Márcia Moreira – aluna Guarani)

“Eu penso dar aula com mais carinho e ver qual a possibilidade desse aluno entender de acordo com a espiritualidade que ele está. (...) explicar de uma forma calma”. (Kátia Moreira – professora Guarani)

A sensibilidade, afetividade, cordialidade, paciência, reciprocidade, respeito com o outro são adjetivos em destaque. O elogio os enaltece, a crítica não é bem vinda, porque procuram sempre fazer o certo, por isso, pensam antes de qualquer manifestação. Utilizar o tempo com paciência, desenvolver um ritmo de trabalho em outro tempo, sem pressa, sem estresse, é observável na vida dos Guarani. Penso que dificilmente encontraremos um Guarani com as doenças do nosso tempo causadas pela agitação do dia-a-dia.

“O nosso Jeito Guarani não perde nossa cultura e nossa tradição”
(Fabiana Moreira – aluna Guarani)

Sintetizando, o **Jeito Guarani**, entre outros aspectos, é falar a língua guarani no cotidiano; acreditar em NHANDERU; respeitar os mais velhos; aprender na prática; ter como princípio a oralidade; ouvir e contar mitos e lendas; motivação para o desenho; produzir artesanato; íntima relação com a música; religiosidade e espiritualidade vividas intensamente; acreditar na força do espírito; relação com a natureza como elemento sagrado; segredos espirituais e religiosos; pensar muito antes de falar ou emitir opiniões; calar quando discordam; ser bom anfitrião; utilizar o tempo de forma diferente como: horário de alimentação, horário de rezar, calendário baseado nas mudanças da lua; agricultores, artesãos, artistas e músicos; lentos na escrita e ágeis na oralidade; pensar antes de desenvolver qualquer atividade; carinhosos e afetivos; alegres; ter profundo conhecimento da cosmologia; considerar a terra mãe; possuir uma visão de mundo própria do Jeito Guarani.

“Talvez a gente tem medo colocar juruá na opy. Sempre tem o cuidado de não mostrar totalmente o que é o Guarani.” (Wanderley Cardoso Moreira – professor Guarani)

O Jeito Guarani é o Jeito Guarani que arrisquei descrever pelas observações realizadas na convivência com esse povo, mas sei que muito poderá ser escrito ou dito. De acordo com o Jeito Guarani de ser, com todos os seus segredos, as revelações são homeopáticas e muito, muito mesmo é o segredo que não pode ser revelado para o JURUÁ. Portanto, somente o Guarani saberá definir o Jeito Guarani de ser e viver no mundo. A maioria dos motivos para a não revelação são relacionados com sentidos religiosos e outros para garantir resistência e enfrentamento com os não índios em suas batalhas e conquistas, fazem parte das estratégias de sobrevivência pós-contato já citadas nesta dissertação. Por isso, penso que a escola só será do Jeito Guarani quando for gerenciada pelos Guarani, ou seja, professores, diretor, funcionários Guarani que residam na aldeia e freqüentem a casa de reza. A escola, por ser uma instituição criada pelos não-índigenas e ter também o papel de trabalhar os conhecimentos do “branco” necessários para a sobrevivência física do povo Guarani, a assessoria do sistema estadual de ensino justifica-se para contribuir na mediação desses conhecimentos e realizar o movimento intercultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGAMACHI, Maria Aparecida. *Nhembo'e !Enquanto o encantamento permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Somos as águas puras*. Campinas/S.P. Papiros Editora, 1994
- CLASTRES, Helena. *A terra sem mal, o profetismo tupi-guarani*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- CADOGAN, Léon. *Ayvu- Rapyta : textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá*. 3ed. Biblioteca Paraguaia de Antropologia- vol.XVI. CEADUC-CEPAG, Asunción del Paraguay, 1997.
- GUIMARAENS, Dinah. (Org.) *Museu de arte e origens: mapa das culturas vivas guaranis*. Rio de Janeiro: Contracapa livraria, 2003.

- FRANCHETO, Bruna. "As artes da palavra". In: *Cadernos de educação escolar indígena-3º grau indígena- v.2, n.1, Barra dos Bugres: UNEMAT, 2003.*
- LITAIFF, Aldo. *Divinas Palavras: Identidade étnica dos guarani-mbyá*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1996.
- LADEIRA, Maria Ines. *O Caminhar Sob a Luz – O território mbya à beira do oceano*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1992.
- MELLO, Flávia Cristina de. *AATA TAPÈ RUPÿ: Seguindo pela estrada: uma investigação dos deslocamentos territoriais realizados por famílias mbyá e chiripá guarani do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. UFSC, Florianópolis, 2001.
- MELIÁ, Bartomeu. *Educação Indígena e Alfabetização*. São Paulo: Edições Loyola, 1979
- NIMUENDAJU, Curt, 1883-1945. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião Apapocuva-Guarani*. Tradução: Scharlott Emmerich & Eduardo B. Viveiro de Castro. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- OLIVEIRA, Melissa Santana de. *Kjringué i kuery Guarani: Infância, educação e religião entre os Guarani de M'Biguaçu, SC*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SCHADEN, Egon. *Aculturação Indígena*. São Paulo. Livraria Pioneira: Editora da Universidade de São Paulo, 1969
- SILVA, Aracy Lopes da. *Índios*, São Paulo: Editora Ática, 1988.
- TASSINARI, Antonella M^a I. "Sociedades indígenas: introdução ao tema diversidade cultural". In: SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO – 1995
- VIEIRA, Ismenia de Fátima. *Diário de Campo n° 1, n° 2 e n° 3*

